

Coluna do Castello

Ninguém muda a rotina do Congresso Nacional

O deputado Ulysses Guimarães continua a ser pessoalmente uma das figuras mais prestigiosas do Congresso. Mas suas ações reiteradas indicam que o antigo presidente da Constituinte não se deu conta de que politicamente seu partido deixou de ser força dominante seja no âmbito parlamentar seja como influência junto à opinião pública. Por isso mesmo suas iniciativas têm caído no vazio. Não conseguiu coordenar a maioria da Câmara para impor um substitutivo à Medida Provisória 168, simplesmente porque seu partido não votou uniformemente, fornecendo uma cota de votos substancial ao governo com o qual comunga e convive. E agora deverá repetir o desempenho na sua tentativa de definir a pauta dos trabalhos do Congresso por cima da autoridade dos presidentes da Câmara e do Senado, responsabilizados indiretamente pelo fato de não estar sendo complementada com a votação de leis a Constituição de 1988.



Não é provável que a pauta de Ulysses, ainda que feita de acordo com a liderança do PSDB, se imponha às mesas e domine a vida do Congresso. Em primeiro lugar há nestes meses que antecedem a eleição a dificuldade de reuniões úteis das câmaras legislativas, com seus membros presos às bases para a tentativa dramática da reeleição. Em segundo lugar, as pautas em curso obedecem a imperativos da lei ou do regimento que condicionam as prioridades dos projetos em tramitação para votação. Os projetos que atulham a ordem do dia deverão ser votados para limpar as mesas de trabalho e, juntamente com elas, há à espera de votação medidas provisórias e vetos a exigir um pronunciamento parlamentar.

É provável que as mesas do Senado e da Câmara tenham uma certa carência de prestígio para se imporem aos respectivos plenários. A esta altura, tal situação, se realmente existe, é insanável e não há como contornar o déficit mediante operações laterais ainda que prestigiadas por deputados eminentes mas nem sempre senhores das suas bancadas, como é o caso do presidente do PMDB. O melhor será esperar a ordem natural das coisas e deixar que o futuro Congresso, no qual não estarão presentes entre 50 e 60% dos seus atuais membros, recoloque o comando em termos que possam ser tidos como mais satisfatórios. Por enquanto, é tocar como está.